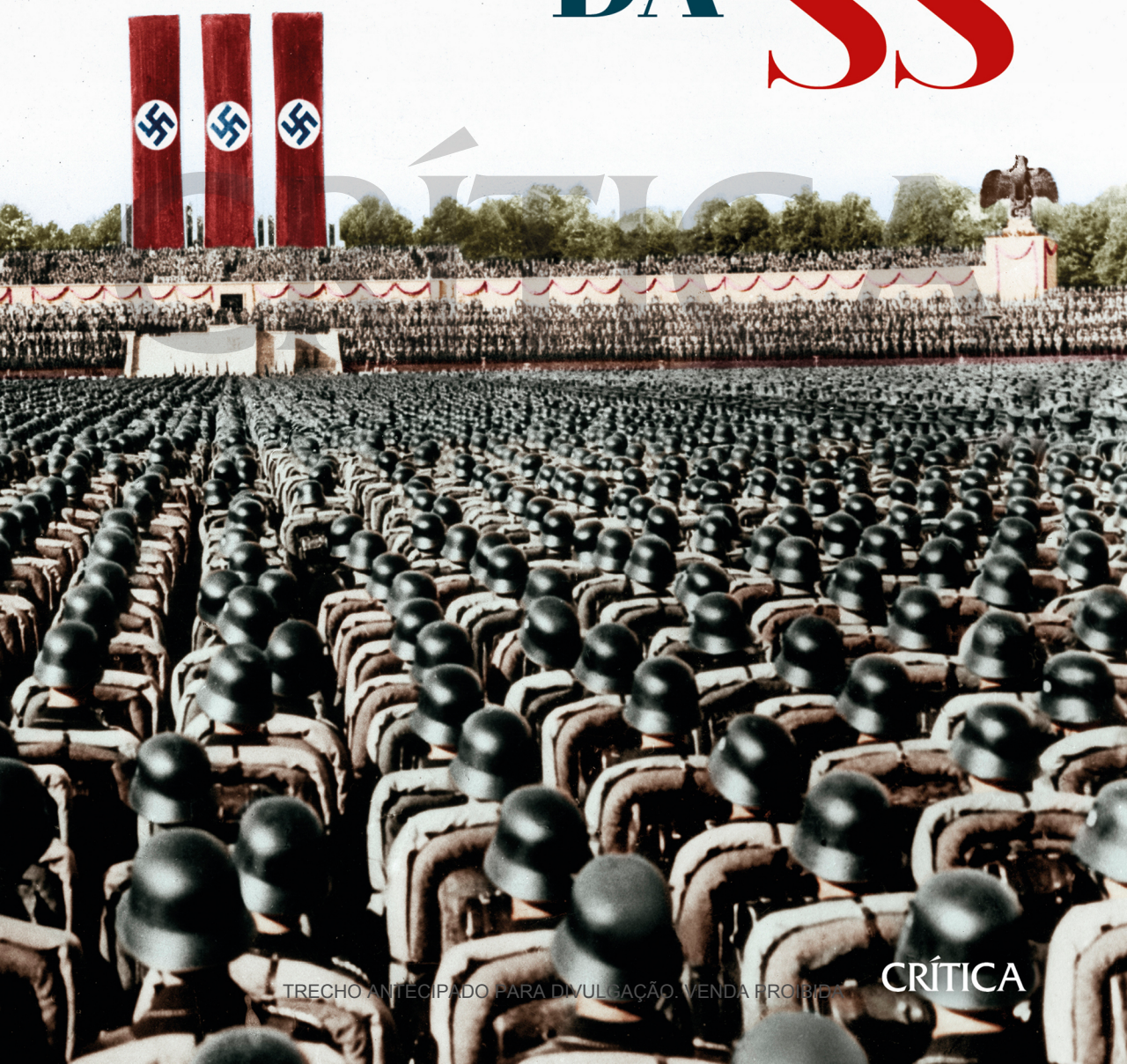


ROBERT LEWIS KOEHL

HISTÓRIA REVELADA DA SS



TRECHO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

CRÍTICA

ROBERT LEWIS KOEHL

HISTÓRIA REVELADA DA SS

Tradução
Felipe José Lindoso

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

CRÍTICA

Copyright © Robert Lewis Koehl
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015, 2021
Todos os direitos reservados.
Título original: *The SS – A history 1919-45*

PREPARAÇÃO: Luciana Paixão
REVISÃO: Fernando Nuno e Iracy Borges
DIAGRAMAÇÃO: Futura
CAPA: Departamento de criação Editora Planeta do Brasil
IMAGENS DE CAPA: © Ullstein bild / Contributor

Todas as ilustrações são reproduzidas por cortesia de Brian Leigh Davis.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Koehl, Robert Lewis
História revelada da SS / Robert Lewis Koehl ; tradução de Felipe José Lindoso. – 2. ed. –
São Paulo : Planeta do Brasil, 2021.
368 p.

ISBN 978-65-5535-436-2
Título original: *The SS – A history 1919-45*

1. Schutzstaffe – História 2. Alemanha – História 3. Guerra mundial, 1939-1945 I.
Título II. Lindoso, Felipe José

21-2302

CDD 940.541343

Índices para catálogo sistemático:
1. História – Segunda Guerra Mundial - Alemanha

2021
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 PRÉ-HISTÓRIA – OS BANDOS SELVAGENS: 1919-24	15
2 PRIMEIROS ANOS – 1925-29	35
3 OS ANOS FORMATIVOS – 1930-32.....	59
4 O MOMENTO DA OPORTUNIDADE – 1933.....	91
5 A TRAIÇÃO – INVERNO DE 1933-30 DE JUNHO DE 1934.....	125
6 OS ANOS DE CRESCIMENTO – 1934-39	149
7 OS ANOS DE TRÁGICA REALIZAÇÃO – 1939-45.....	225
8 CONCLUSÃO: POR TRÁS DA MÁSCARA DO DOMÍNIO	317
 GLOSSÁRIO	 349
LISTA DE ABREVIACÕES	355
ÍNDICE REMISSIVO.....	359

1

PRÉ-HISTÓRIA – OS BANDOS SELVAGENS: 1919-24

Quando Adolf Hitler e seus camaradas do Batalhão de Substituição do Segundo Regimento da Infantaria Bávara começaram a planejar um novo tipo de partido revolucionário, na primavera de 1919, agiam como milhares de outros soldados alemães que desde 1914 vinham se tornando progressivamente mais ressentidos com o mundo civil. Eles não queriam ser vistos pelo que eram – civis temporariamente de uniforme – porque na vida civil não haviam sido nada. Agora que o mundo civil jazia despedaçado, não havia mais desculpas para se curvar à aparência de suas formas sociais ou políticas. O novo “partido” deveria ser, em resumo, não uma fração parlamentar, e sim uma formação de soldados políticos, decididos a retificar o erro de ser “apolítico” do antigo exército e seguir civis incompetentes até a derrota. Eles trariam ordem ao caótico mundo civil, pois os republicanos e os marxistas não eram “meros civis”? E seria o pensamento deles contrarrevolucionário? Longe disso: a deles era a verdadeira revolução alemã, a revolução dos soldados das trincheiras.

O “nacionalismo militar” na Alemanha do pós-guerra assumiria uma variedade enorme de formas, muitas delas contraditórias umas às outras. Antes que Hitler pudesse se tornar o senhor dessas forças

poderosas, elas haviam criado numerosas organizações, e cada uma das quais se tornaria a matriz de um tipo diferente de soldado político. Muitos desses tipos mais tarde se uniriam para formar o Esquadrão de Guardas Nazista. Apesar de este não existir até 1925 e, cinco anos depois, mal chegar a trezentos membros, a SS teve seu início e adquiriu seu *ethos* básico no turbilhão social e político dos anos 1919-1924. Nesses anos muitos alemães experimentaram novas e revolucionárias formas de vida social e política: entre essas estavam os nazistas, que acharam significado e realização pessoal em sua versão da ubíqua liga de combate político, a SA (*Sturm-Abteilungen*) ou Tropas de Choque, dentro da qual cresceu a futura SS.

É bem provável que o estímulo para a formação das ligas de combate político direitistas tenha vindo da formação das unidades dos Conselhos de Soldados e Trabalhadores e da Guarda Vermelha (*Volkswehr*) nos primeiros dias da revolução na Alemanha. A imagem negativa dessas formações faz parte regular da literatura tanto nazista quanto direitista devotada à pré-história do Nacional-Socialismo, sempre alegando a impiedosa crueldade e a estupidez bestial por parte dessas unidades. Por que não deviam os soldados-patriotas alemães da direita dar volta no instrumento contra os marxistas, substituindo “anarquia” pelo ordenamento da grande tradição militar prussiana? Essa parece ter sido a intenção dos líderes dos corpos livres (unidades militares e paramilitares organizadas por particulares, empregados pelo regime provisório da Alemanha em 1919 para lutar contra a esquerda revolucionária e os poloneses insurgentes), Mercker, von Epp, Reinhard e alguns outros, quando a Maioria Socialista fez apelos por assistência militar e deu a Gustav Noske poderes para recrutar voluntários para guardar a república. Mas a própria contradição que assombraria o relacionamento entre a SA, a SS e o Nacional-Socialismo – a questão de se, em última instância, o rabo não iria fazer o cachorro balançar – se imiscuiu quando aqueles republicanos nominalmente marxistas chamaram de volta às armas a soldadesca nacionalista da direita para proteger o regime contra seus rivais revolucionários.

Os expoentes mais velhos da tradição militarista prussiana foram então forçados a recorrer a uma geração de tenentes, capitães e maiores que eram muito mais revolucionários que restauracionistas. Sob o disfarce de unidades para a restauração da ordem, oficiais intermediários e subalternos como Ehrhardt, Rossbach e Röhm construíram forças paramilitares – para reforçar seu próprio poder e prestígio político – contra a antiga estirpe militar que havia perdido a guerra. Mais ainda, soldados da linha de frente, como Hitler, que afinal de contas eram civis em uniforme, também se viram necessitados do aconselhamento de soldados profissionais.

Dessa maneira, em 1919, Hitler e o Partido dos Trabalhadores Alemães serviram como agências da *Reichswehr* (Defesa do Reich) em Munique. Hitler e seus camaradas foram encorajados a ingressar nos minúsculos partidos da direita e recrutar prováveis candidatos para unidades paramilitares como as Milícias Cidoads e os Voluntários Temporários, que atuavam como auxiliares dos corpos livres. O propósito dos líderes dos corpos livres era permanecer essencialmente o mesmo, embora o objetivo da liderança do *Reichswehr* passasse a ser a criação de um novo exército modelo para cujos membros o serviço militar para a Alemanha fosse sua nova vida. O padrão da manipulação militar da vida civil por meio dos partidos patrióticos havia sido estabelecido pelo Partido da Pátria, de 1917. Os *Stahlhelm* (Capacetes de Aço) do Norte da Alemanha – uma organização conservadora de veteranos – e a Liga Alemã-Folclorista de Proteção e Defesa (organização antissemita estabelecida ao redor do movimento folclórico urbano e das pequenas cidades alemãs) eram produtos do mesmo esforço de combinar o adestramento militar com a política direitista. É verdade que os ideais de vida militar de Ernst Röhm, o ajudante de Franz von Epp (o conquistador da República Soviética esquerdista), mal se estendiam para além da contrarrevolução e da reconstrução de uma força combatente. Nisso, Röhm tinha milhares de contrapartes militares. Para esses homens, qualquer organização paramilitar de direita serviria. Entretanto, o movimento político que permanecia simplesmente

como um meio de vida militar para homens como Röhm, logo se tornaria para Hitler e seus camaradas muito mais que uma fonte de recrutamento. Renomeado como Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), o antigo conventículo de civis se transformou em um movimento de soldados sobre os quais Hitler e seus amigos derramaram seus sonhos e ambições. Sendo civis, e por isso mesmo sem a estreiteza de Röhm em seus objetivos e métodos, absorveram as tendências conflitantes da Alemanha do pós-guerra em seu novo partido e dali improvisaram algo notavelmente bem-sucedido dentro dos limites circunscritos da Baviera de 1920-23.

Hitler parece ter compreendido bem cedo que os regimes parlamentares do pós-guerra repousavam como nunca nas massas. A nova era seria uma era da propaganda. Mesmo que o soldado dentro dele detestasse a persuasão, percebeu a dependência que os estados modernos tinham disso. Mesmo antes de 1914, a persuasão havia deixado de ser o processo refinado e razoável conduzido pela imprensa de classe média, as conferências públicas e os debates formais. Os anos de guerra haviam exacerbado a prática mentirosa da imprensa marrom e dos demagogos irresponsáveis. A censura à imprensa, propinas e gangues de intimidação já haviam aparecido, juntamente com os métodos conspiratórios de infiltração, espionagem, assassinato e golpes de Estado usado pelos bolcheviques e sindicalistas. Sem abandonar o ideal elitista de soldados políticos como coração de seu movimento, esses civis-soldados logo começaram a se consorciar com tipos nada militares que lhes eram necessários para a captura das massas e para a conspiração. Assim, inevitavelmente, os primeiros nazistas introduziram em suas fileiras as próprias contradições da sociedade civil que combatiam, e que em parte eram efeitos deles mesmos. Mas foram além e criaram um militarismo político separado que parecia, embora não sendo a mesma coisa, com eles mesmos (a SA e mais tarde a SS), e jamais totalmente subordinadas a eles mesmos. Por outro lado, os tipos não militares com quem tinham que trabalhar, e as massas civis de que necessitavam pelo poder que as massas representavam, para

muitos pareciam menos admiráveis, e até mesmo desprezíveis. A ambivalência da sociedade alemã no começo dos anos 1920 em relação aos soldados tornou-se, assim, um elemento permanente do Nacional-Socialismo.

A ambivalência é ilustrada na história das gangues de intimidação do nascente NSDAP. Os guardas da reunião de fundação do NSDAP, no dia 24 de fevereiro de 1920, na Hofbrauhausaal am Platzl, eram um pelotão dos Voluntários Temporários armados com pistolas e uniformizados com o cinza da *Reichswehr* de Munique, à qual estavam vinculados, talvez como parte de uma companhia de morteiros. Foram cedidos por meio de uma cooperação entre Röhm e o direitista ministro do Interior, Ernst Pöhner, e eram compostos por jovens policiais e estudantes. Tais guardas podiam até ser simpáticos, mas nada que fizesse pensar em uma lealdade completa àquele pequeno e ridículo movimento.

Certamente Röhm enviou ao partido vários membros da divisão bávara da *Reichswehr*, talvez também alguns membros da Milícia Cidadã e vários dos Voluntários Temporários. Muitas vezes esses eram nacionalistas sôfregos, mas suas lealdades primárias estavam em outro lugar. Hitler descreve os primeiros membros da guarda do partido, em outubro de 1919, como alguns de seus mais fiéis companheiros de trincheira, o que provavelmente é mais uma figura de linguagem do que verdade, mas é uma indicação de que preferia a lealdade dos seus antigos amigos que dos designados por Röhm. Em 1920, depois do *putsch* de Kapp em Munique e da instalação do regime de Gustav von Kahr, o uniforme cinza tinha que desaparecer do NSDAP. Hitler e seus camaradas tiveram que aceitar baixas. Röhm considerou aconselhável disfarçar o apoio da *Reichswehr* às atividades revolucionárias e paramilitares. O lugar dos guardas soldados foi assumido por quinze ou vinte *Ordnertuppe* (seguranças), vestindo roupas civis com braçadeiras vermelhas com a suástica dentro de um disco branco. Possivelmente o uso do símbolo da suástica da Brigada Ehrhardt dos corpos livres nas braçadeiras dos seguranças indicava o papel desempenhado por

esses veteranos no desafortunado *putsch* de Kapp, como leões de chácara nazistas no verão de 1920. Com esse leve disfarce, von Kahr e Pöhner permitiram que Röhm mantivesse um “destacamento” para uso futuro contra a República.

Estes eram, entretanto, inconfiáveis, até mesmo amotinados, intrinsecamente menos valiosos para Röhm e para os nazistas que os membros do bem organizado sistema da *Einwohnerwehr* (força policial paramilitar formada por um decreto do Ministério do Interior prussiano) bávara, montada pelo Dr. Georg Escherich. Organizados por cidade, município e região, esses fazendeiros e trabalhadores de escritório formavam uma milícia antissindical e antimarxista, que se ampliava para o oeste e o norte da Baviera como *Orgesch*, e na Áustria como *Orka*. Eram bandos contrarrevolucionários leais a Kahr, apesar de incluir conspiradores e revanchistas exaltados. Röhm tentou por algum tempo capturar essa organização. Encorajou Hitler a copiar a estrutura da *Orgesch* e recrutar alguns de seus membros radicais para seus bandos de guarda-costas. Assim, lá pelo final de 1920 constatamos sinais de uma organização nazista de guardas permanente e regular em Munique, agrupadas em *Hundertschaften* (centúrias), como a *Orgesch*. Na verdade, muitas vezes podem ter sido essencialmente “células” nazistas dentro das centúrias da *Orgesch*, reforçadas com alguns homens dos corpos livres. Quando, insensatamente, Escherich mostrou a que vinha durante uma manifestação armada antifrancesa na *Oktoberfest* de 1920, e Berlim aprovou uma lei determinando que tropas como as milícias cidadãs se registrassem e entregassem suas armas, Röhm se preparou para abandonar a *Orgesch*, e se expandiu para fora e além do NSDAP em várias direções, não apenas formando em Munique uma unidade da reacionária União dos Oficiais Alemães como também aceitando liderar, em Munique, um destacamento dos corpos livres do capitão Adolf Heiss.

Ainda que não atuasse de modo exatamente independente, Hitler começou a improvisar forças de combate a partir de seus seguidores imediatos, procurando em outros grupos paramilitares líderes e

“endurecimento”. Em janeiro de 1921, sentiu-se suficientemente forte, como chefe da propaganda nazista, para ameaçar, no enorme Kindl-Keller, quebrar reuniões “não patrióticas” com essas forças, e em fevereiro pôde colocar alguns deles em “caminhões de propaganda” que vagavam por Munique distribuindo panfletos e prendendo cartazes para o primeiro encontro de massas no circo Krone. O sucesso desses métodos pode ser avaliado pelo crescimento constante dos encontros de massa. A recompensa final veio com a captura, por Hitler, da estrutura organizacional do NSDAP em julho de 1921, e o consequente reforço e consolidação dessas “unidades de combate” em Munique e nas cidades próximas da Alta Baviera, onde se haviam fundado grupos nazistas. Entretanto, por causa da pressão dos Aliados durante o verão, as gangues de intimidação tiveram que passar por outra metamorfose: passaram a ser grupos de “Ginástica” e “Seções Esportivas” (*Sport-Abteilungen*), que na verdade eram tropas camufladas do partido, sob o comando de um oficial e conspirador dos corpos livres de Ehrhardt, o tenente Hans Ulrich Klintzsch.

A dissolução da *Orgesch*, no verão de 1921, em parte por causa da pressão aliada e em parte por dissensões internas, enfraqueceu Kahr, que caiu em setembro e foi substituído pelo moderado regime de Lerchenfeld, que favorecia a cooperação com o governo de Berlim e os Aliados. Hitler e Röhm quase se separaram pela primeira vez no outono de 1921 (um episódio que se repetiria várias vezes mais até 1934), pois Röhm decidiu então apoiar os sucessores de Escherich, Dr. Otto Pittinger e Rudolf Kanzler, cuja *Bund Bayern und Reich*, organização semimilitar e semiconspiratória, jogava com uma federação do Danúbio e com a dissolução “temporária” dos laços com Berlim. Os motivos de Röhm eram puramente oportunistas; ele não via contradição em simultaneamente apoiar os nazistas. Hitler, entretanto, via no grupo de Pittinger os rivais mais perigosos dos nazistas. “Quebrar” seus comícios, assim como os da esquerda, tornou-se a principal função da SA (*Sport-Abteilungen*). Em novembro de 1921, Hitler adotou o termo Tropas de Assalto

(*Sturm-Abteilungen*), aludindo assim abertamente ao ideal elitista militar das trincheiras. Isso sugeria que o movimento com ideais militares deveria triunfar tanto sobre os partidos parlamentares da classe média quanto sobre os grupelhos conspiradores. Mais ainda, implicava que podia romper com sua dependência dos irresponsáveis *Landsknechte* (vagabundos) dos corpos livres.

Durante 1922 o movimento nazista continuou a crescer pela Baviera e penetrar ao norte na Alemanha central, e com ele as Tropas de Assalto, que absorveram as *Arbeitsgemeinschaften* (grupos de trabalho semilegais) dos corpos livres ilegais e sociedades femininas. O mês que Hitler passou na prisão no verão de 1922, nas mãos do regime de Lerchenfeld, pelo uso de métodos de força contra o grupo de Pittinger, não prejudicou os nazistas. Em agosto exibiram seis *Hundertschaften* da SA entre as 50 mil pessoas dos movimentos folcloristas e conservadores-patriotas que protestavam em Munique contra a nova lei que protegia a República Alemã, e imediatamente atraíram voluntários adicionais para outras *Hundertschaften*. Sob pressão de Röhm, Hitler após várias tentativas fez causa comum com Pittinger, em setembro de 1922, no planejamento de um *putsch* que não chegou a sair. Em outubro, catorze *Hundertschaften* da SS da Alta Baviera estavam representados (cerca de setecentos homens) em uma marcha para Coburgo na fronteira turingia, para se juntar ao Terceiro Dia Anual da *Schutz-und Trutzbund* (Liga Protetora e Defensiva). Essa organização estava prestes a desaparecer com a aplicação da lei para a Proteção do Reich, mas o convite desafiador aos nazistas para se unirem a eles na supostamente “vermelha” Coburgo, levou à intimidação nazista da cidade, depois de batalhas intensas com grupos democráticos e de esquerda. Em novembro de 1922, Julius Streicher trouxe a *völkisch* Francônia solidamente para a esfera nazista, ao fundir sua seção do *Deutsch-Soziale Partei* (Partido Social Alemão) com o de Hitler, enquanto em Munique os nazistas eram pressionados por Röhm para ingressar em sua primeira aliança temporária, as Sociedades Patrióticas Unidas. No Norte,

bandos dispersos de nazistas iniciaram a ligação com o novo e antisemita *Deutschwölkische Freiheitspartei* (Partido da Liberdade do Povo Alemão), de Reinhold Wulle e Albrecht von Gräfe.

Por trás dessa tendência de consolidação estão o empenho do conjunto da direita alemã e as esperanças dos corpos livres e até mesmo de segmentos da *Reichswehr* por um levante alemão contra as demandas de reparação. Então o NSDAP recebeu um reconhecimento sem precedentes ao ser proibido pelos governos dos estados da Prússia, Saxônia, Turíngia e Hamburgo. Em janeiro de 1923, Hitler pôde convocar vários milhares de SA para seu primeiro “Dia Nacional” do partido – número inflado pelos membros dos corpos livres, é claro. Sua organização e aprovisionamento foram, nessa época, transferidos para o ás da aviação Hermann Göring, companheiro de estudos de Rudolf Hess e Alfred Rosenberg na Universidade de Munique. O primeiro uniforme de casaco cinza e boné de esquiador era usado pela *Hundertschaft SA* dos estudantes relativamente bem de vida de Munique, liderados por Rudolf Hess. Mas a maioria dos SA usava qualquer roupa disponível, talvez partes de uniformes da I Guerra Mundial, às vezes um capacete com a suástica. Nem devemos assumir que eram “centúrias” claramente organizadas sob o comando de quatro *Standarten* (estandartes) oficiais, literalmente um estandarte romano, consistindo em uma bandeira com a suástica e o lema “Alemanha Desperta”, um velho slogan folclórico, encimados pelas iniciais N.S.D.A.P. e a águia, também portando o nome da comunidade ou unidade na parte de baixo da bandeira escarlate, Munique I, Munique II, Landshut e Nuremberg. Tudo era improvisado, frouxo, mudando no dia a dia. Registros e escalações não eram mantidos, e os voluntários das SA não estavam necessariamente listados como membros do NSDAP, fosse nos arquivos locais fosse no novo e incompleto registro de membros de Munique. Muitos deles eram “membros” de duas ou três ligas de defesa ao mesmo tempo. Membros “civis” de confiança que não estavam na SA eram forçados a servir por ocasião de comícios e marchas de propaganda. Desse modo, a maior parte dos

números dos primeiros SA registrados em fontes nazistas, repetidos por muitos escritores, são equivocados.

Julgando erroneamente suas chances de sucesso, a direita alemã achou que sua hora havia chegado em janeiro de 1923, com a ocupação francesa do Ruhr. Um estado de guerra não declarado se desenvolveu entre a Alemanha e a França, durante o qual os corpos livres mais uma vez floresceram abertamente, e os procedimentos parlamentares da classe média pareciam mais irrelevantes que nunca. O próprio Hitler embarcou nessa onda, apesar de sempre apreensivo. Detestava alianças com grupos rivais, particularmente com amadores, homens de negócio patriotas e políticos republicanos. Tinha receio de estar sendo usado pela *Reichswehr* para depois ser deixado de lado. Tinha poucas ilusões tanto com o ataque às barricadas republicanas quanto com as verdadeiras intenções dos coronéis e generais do antigo exército. No entanto, não podia aparecer simplesmente como propagandista enquanto os alemães patriotas agiam. Acima de tudo, seus esforços para demonstrar a força do movimento no Dia do Partido, planejado para janeiro de 1923, em Munique, forçaram-no a revelar sua dependência de Röhm e seus patronos militares.

Sob a influência do desempenho desregrado dos nazistas em Coburgo e a marcha dos fascistas sobre Roma, o ministro do Interior da Baviera, Franz Schwyer, e o Presidente da Polícia de Munique, Eduard Nortz, proibiram o Dia do Partido, assim como outros comícios e demonstrações nazistas. Hitler tinha que prometer para todo mundo não tentar um *putsch* (golpe). No final das contas foi von Epp e o general mais graduado da Baviera, o comandante divisional Otto von Lossow, que arranjaram que ele fizesse a demonstração: estavam presentes 6 mil voluntários de várias ligas amistosas de combate e a SA. No entanto, em troca desse arranjo, Hitler teve que deixar suas “tropas do partido” desfilar parcialmente sob a égide da *Reichswehr*. Röhm uniu a SA e outras ligas de combate para formar a *Vaterländische Kampfverbände Bayerns* (VKB), sob o tenente-coronel Hermann Kriebel, anteriormente da

Einwohnerwehr. Hitler não podia sequer contar em usar a SA como quisesse, pois seus homens foram entregues a oficiais da *Reichswehr* para treiná-los como um elemento da reserva secreta que se formava por toda a Alemanha, como parte do Acordo Seeckt-Severing, para fortalecer a mão do regime de Cuno na resistência à ocupação do Ruhr. A SA foi organizada de maneira mais compacta e recebeu um “estado maior” de oficiais do comando da *Reichswehr* e dos corpos livres. Klintzsch serviu sob Göring durante algum tempo como chefe dessa equipe, retirando-se no mês de abril, já que se preparava uma disputa entre o corpo livre “*Wiking*” de Ehrhardt e o pessoal do CO (Organização Consul) dentro da SA, precipitado em parte pelo jogo duplo que Hitler fazia com eles e com a *Reichswehr*.

Nessa época Hitler designou um esquadrão de doze guarda-costas como *Stabswache* (guardas do quartel-general), composto por velhos camaradas e indivíduos que dependiam pessoalmente dele. Ele já tivera um ou dois guarda-costas antes, e a ideia de formar uma guarda do quartel-general a partir daí provavelmente se cristalizou gradualmente em 1922. Mas então, na primavera de 1923, sua perigosa política de jogo duplo com o exército e com as outras ligas de combate o tornaram mais temeroso e, portanto, com menos vontade de confiar sua segurança e a do seu quartel-general unicamente a “soldados políticos”. A *Stabswache* usava bonés de esquiador negro, com uma caveira e ossos cruzados.

Hitler ainda não queria realmente fazer um *putsch*. Queria repetir o sucesso de Coburgo, destruindo o Dia Socialista em maio, em Munique, e demonstrar a seus seguidores e seus aliados dos corpos livres que ainda tinha controle sobre a SA. Não queria permitir que Röhm o detivesse, nem realmente Röhm ousaria isso, pois a lealdade das reservas secretas parecia demasiadamente tênue. Foi feita a chamada para que a VKB se reunisse, e membros amistosos da *Reichswehr* os ajudaram a retirar ilegalmente armas dos quartéis da *Reichswehr*, que já haviam usado de vez em quando para manobras com a *Reichswehr*. Hitler não sabia se acreditava ou não nos avisos de von Lossow de que as tropas da *Reichswehr*

iriam disparar e, portanto, não se uniu aos seus 6 mil voluntários na batalha com os Socialistas na manhã do 1º de maio. De fato, ao ser confrontado ao meio-dia com uma demonstração simbólica de força militar e abandonado por Röhm, ordenou que as armas fossem devolvidas. Ninguém foi detido, mas Hitler perdeu segmentos importantes de seus voluntários dos corpos livres e estudantes (*Zeitfreiwilligenkorps*).

Em maio, Hitler autorizou a formação de um destacamento militar de choque, por um lado para substituir as forças perdidas, e por outro para assegurar a si mesmo uma reserva móvel confiável, separada do empreendimento mais amplo de Röhm. Com os doze guarda-costas como quadros, Hitler criou a *Stosstrupp Hitler*, uma força de cem *Stosstrupp* (um termo que carregava o *ethos* da elite da trincheira e se referia a pequenas unidades de “choque”, ou ataque), possivelmente a partir do terceiro *Abteilung* (batalhão) da SA de Munique, com uniforme completo e equipados como soldados, com um par de caminhões para serviço especial em apoio às marchas de propaganda, especialmente fora de Munique e nos distritos proletários. No outono, essa unidade já havia adquirido preparação de combate para exigências de um *putsch*, ao ser dividida em três pelotões: um pelotão de infantaria com quatro esquadrões, um pelotão de metralhadoras, e um pelotão com morteiros e pistolas automáticas. A *Stosstrupp* era uma unidade militar relativamente apolítica que podia ser usada para apoiar a atividade política básica ou um *putsch*. Sua formação pode ser explicada melhor pela admiração que Hitler tinha pela “vida militar pura”, por seus crescentes temores de traição tanto pelo lado de seus aliados dos corpos livres como da *Reichswehr*, e por sua relutante aceitação do ambiente putschista no verão e no outono de 1923.

Apesar de Himmler nem mesmo estar nessa tropa de choque, e nenhum de seus membros jamais ter desempenhado um papel decisivo na futura SS, os historiadores nazistas iriam assinalar essa formação diminuta e relativamente pouco importante como a origem da SS. Tampouco isso era uma falsidade ou anomalia histórica.

A ambiguidade da improvisação de 1923 foi transmitida pelo próprio Hitler ao primeiro e pequeno Esquadrão de Guardas, de 1925, e daí para os insignificantes Esquadrões de Guardas por todo o movimento, entre 1926 e 1929, e de 1929 em diante, por meio da relação ambígua Hitler-Himmler para sobreviver à morte do *Führer* e do *Reichsführer* nas páginas da revista dos veteranos da *Waffen-SS, Der Freiwillige*.

É incorreto assumir que os nazistas foram duramente feridos pelo fiasco do 1º de maio. A VKB continuou existindo com extensas “manobras” de finais de semana ao redor de Munique, Landshut e Nuremberg. A afiliação ao partido e a participação na SA cresceu até os inéditos 55 mil e 10 mil membros, respectivamente, durante o fantástico verão de 1923. A hiperinflação caótica, a tensão patriótica que muitas vezes se expressava em lutas e emboscadas sem sentido, a ampla expectativa de uma revolução comunista conduziu muitos direitistas *Spiessbürger* (pequena burguesia) direto para as fileiras dos “selvagens e malucos” nazistas. O crescimento da SA em 1923 certamente pode estar associado com sua semirrespeitabilidade como parte dos serviços secretos sob os auspícios do exército. A falta de registros torna difícil aferir a importância relativa dos corpos livres “profissionais” e os civis voluntários a tempo parcial entre os 10 mil recrutas, mas o exame minucioso dos registros de pessoal nazistas sugere a ampla presença de “flutuadores”, indivíduos que nunca permaneceram muito tempo nas organizações dos corpos livres, que oscilavam entre a vida civil e as ligas de combate entre 1919 e 1932. Hitler tinha boas razões para desconfiar da colheita de descontentes que ele e Röhm recebiam, mas sem embargo capitalizaram isso. Ele autorizou Göring a recrutar oficiais remunerados com os talentos especializados necessários para organizar as unidades de apoio para a SA, como médicos, cavalaria, comunicações, artilharia leve e batalhões técnicos. Pelo menos temporariamente, fontes tanto domésticas quanto estrangeiras estavam disponíveis para pagar esses mercenários direitistas, que tinham pouco interesse em Hitler ou no Partido Nazista *per se*.

Os nazistas certamente não se retiraram da luta para estar no centro da arena política naquele verão, mas usaram a SA para demonstrações, marchas de propaganda, arruaças e intimidação, e pela venda nas ruas do extenso *Völkischer Beobachter* (o jornal diário nazista). É verdade que havia limites severos ao seu alcance. Não podiam governar as ruas de Munique sem disputa, muito menos as de outras cidades comparáveis. Nem Hitler pôde deter o partido Nazista Austríaco em Salzburg naquele agosto, mesmo com a ajuda de Göring para conquistar o *Vaterländischer Schutzbund*, a antiga OT (*Ordnertruppe*) de Hermann Reschny, escalada para se tornar a futura SA austríaca. Mas Berlim parecia estar jogando nas mãos de Hitler e Röhm. O regime de Cuno havia caído e Stresemann fracassou em ganhar a direita radical do Norte da Alemanha para uma política que fosse menos que uma resistência continuada. Wulle e Gräffe do nortista *Deutschvölkische Freiheitspartei* cortejavam Hitler. No *Deutscher Tag* em Nuremberg nos dias 1º e 2 de setembro, Ludendorff permitiu tornar-se o símbolo de uma união patriótica de toda a Alemanha (*Deutscher Kampfbund*). Era uma aliança frouxa, nada superior à antiga VVV (*Vereinigte Vaterländische Verbände*) (Ligas Patrióticas Unidas da Baviera) de 1922, e à VKB da primavera. Hitler não se iludia de que controlava essa situação periclitante. Mas havia muitos sinais de uma “conjuntura revolucionária” na Alemanha, no outono de 1923. Havia uma total falta de confiança na ordem estabelecida, na qual até mesmo a *Reichswehr* foi varrida por seu fracasso em apoiar uma resistência continuada e armada contra os franceses. Hitler e Röhm acreditavam, com alguma razão, que podiam canalizar as forças do separatismo bávaro e a renovação de uma política de obediência a Berlim em uma “Marcha sobre Berlim”, modelada no golpe sem sangue de Mussolini. Concordaram com o estabelecimento de Ludendorff como cabeça decorativa, o símbolo de uma Alemanha não derrotada e sem compromissos. Röhm, depois de ser transferido para fora de Munique pelo *Reichswehr*, renunciou ao posto, aparentemente para demonstrar sua lealdade a Hitler. Essa atitude sem dúvida impressionou Hitler e

muitos outros, tendo em vista o comportamento incerto de Röhm no 1º de maio.

Não era pouco o desespero, além das rivalidades abertas nas manobras por trás dos panos. Existiam muitos sinais de que a direita alemã considerava várias alternativas, nenhuma delas favorável a Hitler. A possibilidade preferida era a formação de um “diretório” das grandes empresas, os interesses fundiários, com representantes de *Reichswehr*, dos nacionalistas tipo preto-branco-vermelho do *Stahlhelm* (Capacete de Aço), e o eixo Pöhner-Kahr na Baviera. Um arranjo menos atraente era a formação de vários estados alemães independentes de Berlim e apoiados pela França, por exemplo a federação Rhineland e uma federação do Danúbio. Stresemann e os moderados consideravam um acordo de negócios com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, em conexão com a estabilização do marco. Os membros mais normais, e mais pessoalmente ambiciosos das ligas de combate e da SA, especialmente os estudantes e os trabalhadores de colarinho branco, pensavam em conseguir empregos e casar. Quando Wilhelm Brückner, comandante do Regimento-SA *München*, disse isso a Hitler, isso já era do conhecimento comum. Ludendorff e os líderes dos corpos livres certamente sabiam disso. Kahr, Ebert e Seeckt sabiam disso. Havia um longo risco na tentativa de forçar a mão de Kahr, mas o momento não poderia ficar novamente tão maduro.

Vários “Dias da Alemanha” foram patrocinados pelo *Deutscher Kampfbund*, em Augsburg, Hof e Bayreuth, para incentivar o entusiasmo popular por um *putsch*. Para cada um desses, os nazistas mandaram sua *Stosstrup Hitler*, para reforçar a SA local e assegurar a proeminência de seus oradores e se precaver contra a “traição” dos camaradas dos grupos aliados do *völkisch und vaterländisch*.

Quando, em 24 de setembro, Stresemann anunciou o fim da resistência no Ruhr, a Baviera respondeu com a reinstituição da ditadura de von Kahr, e se movimentou rapidamente na direção da ruptura de suas conexões com Berlim. Kahr era apoiado não apenas por Pittinger e Ehrhardt, mas um dos principais suportes dos

planos de Röhm e do abortado *Deutscher Kampfbund*, o *Reichsflagge* do capitão Adolf Heiss, rompeu quanto à questão da lealdade a Kahr. Röhm reconstituiu rapidamente os contingentes do Sul da Baviera como *Reichskriegsflagge*, no qual colocou seus puxa-sacos mais confiáveis, tais como o jovem Heinrich Himmler. Röhm e, mais ainda, Hitler eram dependentes da boa vontade de Kahr e von Lossow, que se colocou ao lado de Kahr, para marchar sobre Berlim. Quando o regime de Berlim assumiu as administrações esquerdistas da Turíngia e da Saxônia, que faziam experiências com milícias de trabalhadores, e os “movimentos” separatistas da Rhineland se revelaram meros fogos de artifício, Kahr e von Lossow desistiram de agir, talvez tentando barganhar tanto com Berlim quanto com Paris para ter uma autonomia maior. Hitler, Röhm e Friedrich Weber, líder da liga de combate *Oberland*, decidiram então apresentar a Kahr um fato consumado, essencialmente por conta do desespero, pois Hitler desde o começo tinha dúvidas, e Röhm sabia que o máximo que poderia esperar de Seeckt e da *Reichswehr* fora da Baviera seria neutralidade, tal como o *putsch* de Kapp.

O *putsch* de Hitler consistia em várias demonstrações políticas improvisadas, feitas por pessoas uniformizadas, mas como operação militar era deploravelmente inepta. Contou-se demasiadamente com rápidas transferências de lealdades, demonstrações teatrais de força e gestos simbólicos de coalizão. A tomada da maior parte das cidades bávaras falhou porque as unidades da SA, *Bund Oberland* e *Reichskriegsflagge*, foram para Munique. Não houve um esforço sério para cooperar com os putschistas fora de Munique. Em Munique, no dia 8 de novembro de 1923, várias centenas de SA de Munique cercaram a Bürgerbräukeller, e a *Stosstrupp Hitler* escoltava o excitado candidato a revolucionário, Hitler, até o pódio. Seu blefe funcionou por alguns momentos. A incerteza sobre as verdadeiras condições no Reich e as rivalidades e desconfianças mútuas sobre o que o movimento de Hitler havia gerado deu a seu espetáculo de força uma vantagem inicial. A *Reichskriegsflagge* de Röhm e as ligas de combate *Oberland* de Weber, entretanto, contribuíram

mais para a atmosfera de golpe militar que o grosso das SA. Röhm usou a *Reichskriegsflagge* para cercar o quartel-general do exército. A *Stosstrupp Hitler* invadiu os escritórios do socialista *Münchener Post*. Todas as outras medidas do *putsch* falharam ridiculamente. Na manhã seguinte a confusão sobre o futuro do *putsch* reinava, mas, antes mesmo que o exército ou a polícia disparasse um tiro, alguns membros da *Stosstrupp* “prenderam” o prefeito socialista e o conselho da cidade. Homens da SA “detiveram” judeus e socialistas proeminentes como reféns e os mantiveram sob guarda na Bürgeräukeller. A *Stosstrupp* tentou, de modo desanimado, capturar o quartel de polícia do centro, mas desistiu sem disparar. Por volta do meio-dia cerca de 2 mil homens armados em colunas de quatro – *Stosstrupp Hitler* à esquerda, o regimento SA “*München*” no centro, e “*Oberland*” à direita – desfilaram diante da Bürgerbräukeller na direção da ponte sobre o Isar, que levava ao coração de Munique. Foram saudados por multidões que aplaudiam e dominaram os postos policiais desarmados na ponte, cruzando com facilidade. Possivelmente cercado por um exército de excitados espectadores e torcedores, marcharam na direção geral do cercado quartel-general do exército, através da estreita passagem à direita do Feldherrnhalle. Ali foram detidos pela polícia com rifles portados em posição de controle da multidão (na horizontal ou na diagonal), mas forçaram e abriram caminho a cotoveladas por esse cordão. Foram então recebidos por uma segunda linha de policiais. Há disputas sobre quem abriu fogo, mas certamente uma breve troca de tiros se seguiu. Houve disparos desde a cobertura de edifícios. Morreram catorze putschistas, um deles membro da *Stosstrupp*. Outra troca de tiros diante do quartel-general do exército matou dois membros da *Reichskriegsflagge* antes que a rendição fosse arranjada. Grupos da *Bund Oberland* se renderam depois de um breve combate. Dos dezesseis mortos, nenhum era membro da SA. Alguns oficiais da SA, um deles um *Wiking* (Ehrhardt), líder dos corpos livres, provaram até mesmo no último minuto ser desleais.

Hitler foi forçado a reconhecer que seus “soldados políticos” haviam sido inúteis como revolucionários e que as alianças com os líderes dos corpos livres, políticos de partido e oficiais da *Reichswehr* eram extremamente frágeis. Seu julgamento, no início de 1924, foi uma sensação que durou vinte e quatro dias e que resultou em muita publicidade favorável para seus seguidores, que ficaram fora dos muros da prisão. Em seu discurso final, Hitler permitiu-se até mesmo celebrar os “bandos selvagens” de “nosso crescente exército”, que um dia se tornariam regimentos e divisões. Mas já tinha segundas intenções, e na prisão de Landsberg ele pouco se interessou ou comemorou os sucessos eleitorais do Bloco Folclórico-Social, que se formou como coalizão eleitoral de seus seguidores com o Partido da Liberdade nortista, ou com o crescimento de 30 mil homens da *Frontbann* de Röhm, para a qual afluíram seus SA, assim como muitos outros veteranos de corpos livres. Hitler percebeu como era mal concebido o oportunismo de Röhm e de alguns de seus seguidores, que imaginavam a tarefa dos soldados políticos ser a simples reunião de pessoal e sua condução ao ataque, como se a política fosse simplesmente “partir para o topo” em massa, como em 1916. Ele renunciou à liderança dos *Hakenkreuzler* (homens da suástica) em julho de 1924, em parte por razões táticas superficiais (para sair da prisão), e em parte por razões estratégicas mais profundas: desse modo, esperava evitar a responsabilidade pela desintegração que previa, em um momento no qual muitos de seus seguidores ainda acreditavam no pronto alcance das brilhantes promessas de seu discurso final.

O ano de 1924, na Alemanha, começou radical e terminou conservador. Os bandos armados estiveram em muita evidência no começo do ano, já que o desemprego disparava e os salários, com o novo *Rentenmark*, haviam despencado até um novo recorde de baixa depois que os dias ridículos de carteiras cheias de notas quase sem valor chegaram ao fim. A violência política continuava, e as eleições de maio de 1924 deram ganhos consideráveis aos comunistas, à extrema direita e à coalizão Nazi-Folcloristas. A falta de confiança

nos partidos moderados, incluindo os Social-Democratas, se refletia na perda de cadeiras no *Reichstag*. No entanto, quando Hitler temporariamente se eximiu de responsabilidades pelas ações belicasas de seus apoiadores, a indústria alemã estava contratando de novo, e os banqueiros estavam suficientemente confiantes para batalhar por ganhos futuros e empréstimos hipotecários, e a extrema direita (o Partido do Povo Nacional Alemão) engolia o Plano Dawes para resgatar a Alemanha mediante um empréstimo internacional de ouro, de modo que o país pudesse retomar o pagamento das reparações e tirar a França do Ruhr. Os companheiros de viagem dentro das ligas de combate gradualmente foram desaparecendo para se casar ou se unir à mais respeitável *Stahlhelm*, apesar do núcleo duro dos *Landsknechte* continuar em centenas de bandos leais a algum major ou capitão carismático. O mundo dos negócios já não os desejava por perto, recusava-se a dar-lhes recursos e as tentativas de extorsão começaram a produzir sentenças de prisão. Em dezembro, outra eleição para o *Reichstag* reduziu a representação Nazi-Folcloristas para doze, os comunistas perderam seus ganhos de maio, e os moderados conseguiram um retorno razoável para unir-se com a extrema direita para governar a Alemanha até 1928. Os soldados políticos teriam que apelar para as cabines eleitorais e demonstrar que sua luta podia continuar também dessa forma enquanto fosse necessário, até que tivessem poder para se livrar disso. A SS foi concebida dentro desse novo contexto.